

**EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO:
PRIMEIRAS IMPRESSÕES, (DES)ATENÇÃO! E APRENDIZADOS**

Thália Mafra Diogo dos Santos

RESUMO: A realização do estágio curricular – ainda em âmbito presencial – e em um local no qual a maioria dos estudantes pertencem à uma situação de vulnerabilidade social acarreta diversos tipos de “choques de realidade”. O primeiro contato com a sala de aula, por si só, também. Nesse sentido, será aqui explicitado um relato de experiência de estágio curricular obrigatório, do ano de 2019, no intuito de expor situações do dia a dia ocorridas em um curto período de convivência com alunos de uma instituição pública localizada em um bairro desprivilegiado da cidade de Londrina. De caráter expositivo e pessoal, o trabalho pretende apresentar, além das impressões obtidas enquanto em primeiro contato com a sala de aula, a relação de distorção idade-série e outras situações que, possivelmente, em sua maioria, ocorreram em decorrência da condição social na qual se inserem os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: estágio curricular obrigatório; condição social; desprivilegio.

1. Introdução

O artigo a seguir visa abordar a minha experiência de estágio curricular obrigatório do 3º ano do curso de licenciatura em Letras Vernáculas e Clássicas. Para tanto, inicialmente, adianto a explicitação do seguinte fato: todo e qualquer assunto a ser exposto a seguir, traz consigo minha visão pessoal enquanto não apenas estagiária, mas como pessoa. Nesse sentido, os acontecimentos selecionados (em meio a tantos) e dispostos, trazem consigo uma significação específica desde o momento em que ocorreram ao momento de seleção e explicitação.

O trabalho divide-se em três momentos a seguir: “Primeiras impressões”, abordando o momento de primeiro contato com a escola, a professora e os alunos das diferentes turmas; “(Des)atenção!”, tratando de momentos marcantes do estágio, trazendo à tona momentos em que me desatentei e atentei à situações; e, por fim, antecedendo as considerações finais, serão evidenciados os “Aprendizados”.

Por fim, acerca do processo de estágio curricular obrigatório do 3º ano, sob a grade curricular vigente até o ano de 2017, esse dividiu-se em três partes que totalizaram 60 horas, os quais foram a observação (15 horas), participação (15 horas) e regência (30 horas). No meu

caso, o estágio foi realizado individualmente entre os meses de setembro a outubro do ano de 2019 em três turmas de sétimo ano: “A”, “B” e “C”. A escola não será identificada, todavia explicita-se, necessariamente, que, por motivos de desconhecimento pessoal acerca dos bairros da cidade de Londrina, visto que não se trata da cidade onde moro, essa localiza-se em um bairro desprivilegiado. Tal fato, por si só, justifica minha persistência para a realização de tal artigo – ainda que tardia.

2. Primeiras impressões

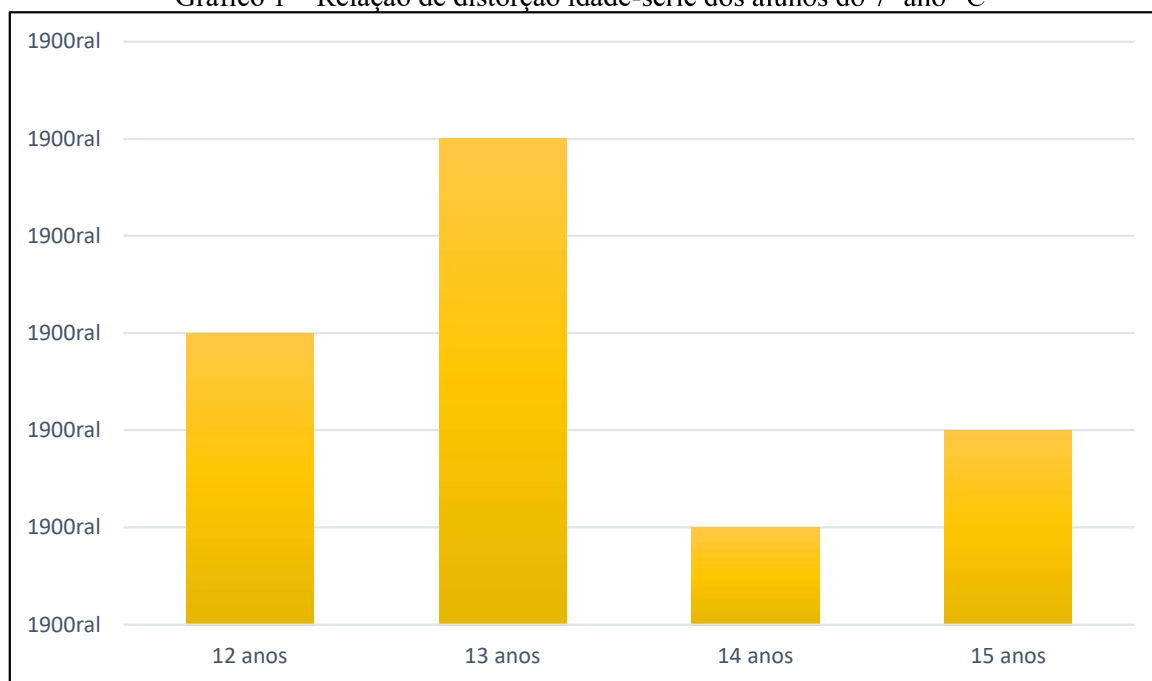
Inicialmente, é necessário confessar que a busca inicial pela realização do estágio foi de má vontade e que a escolha do local foi malfeita. O que não quer dizer que foi ruim, claro. Arrependimentos? Alguns, a serem posteriormente visualizados na seção de “Aprendizados”. No entanto, ainda que sozinha e inicialmente desmotivada, não há motivo algum para, numa oportunidade seguinte, negar uma segunda rodada (com algumas poucas mudanças, talvez). Quando fui à escola pela primeira vez, não me dei conta da localização e logo conversei com a coordenação e professora. Estava tudo combinado, numa incessante pressa – já era setembro. Na segunda vez, com a presença de um amigo, logo ouvi um “É essa escola, Thália?!”. Pela entonação, senti o peso do que me aguardava. Nos dias seguintes decidi pesquisar pela escola no Google e, surpresa!, na primeira linha de imagens uma foto de alguém que havia sido morto logo ali. Fingi não ver, fechei a aba e fui à escola alguns dias depois. Conversando com a coordenadora, a professora responsável pelas turmas em que eu realizaria o estágio entra na sala em que estávamos dizendo que um aluno X havia se levantado contra ela, ameaçando-a por conta de algum objeto. Vê-se, aqui, que eu, já deveras contente com a realização do estágio, presenciei apenas alegrias iniciais. No entanto, já não se tratava mais de um momento para desistência. Os papéis já estavam devidamente entregues e assinados.

Estar no refeitório e na sala dos professores, junto com dois ex-professores (ambos de 2015), me proporcionou um choque de realidade inicial. No momento em que me sentei junto a eles e me senti acolhida por todos, principalmente pelas professoras de Língua Portuguesa, entendi que não estava mais em uma sala dos professores enquanto visita eventual. Por algum tempo, e daqui a algum tempo, ali também seria o meu lugar. Além disso, nas salas de aula,

logo de início, observando os alunos, consegui visualizar as minhas turmas anteriores. Meus ex-colegas, meus professores e até mesmo eu. Estar ali era nostálgico e reconfortante.

As turmas “A”, “B” e “C” dividiam-se exatamente como quando eu ainda era estudante do Ensino Fundamental, no estado de São Paulo. Havia outras letras depois, claro, mas essas já não diziam respeito a mim, portanto não há o que dizer sobre. No entanto, a impressão é de que buscam colocar, na turma “A” os alunos consideravelmente prestativos; na “B” os que dependem de paciência e cobrança de notas ou vistos para realizarem as atividades e prestarem atenção; e, por fim, na “C”, os alunos que, em sua maioria, dada a idade correspondente às séries, já não deviam mais estar ali. Nessa turma, o nível de distorção idade-série era consideravelmente alto, como verifica-se a seguir:

Gráfico 1 – Relação de distorção idade-série dos alunos do 7º ano “C”



Fonte: a própria autora, 2021.

A distorção idade-série, de acordo com o INEP (2020) trata-se do “indicador educacional que permite acompanhar o percentual de alunos, em cada série, que têm idade acima da esperada para o ano em que estão matriculados”.

Aqui, observa-se que, para um levantamento mais preciso, seria necessária a relação dos anos de nascimento dos mesmos, porém, ainda que com apenas os números de suas idades completas até então, a noção de distorção idade-série é devidamente evidenciada. Dessa forma,

ao analisar que as idades que compreendem à fase do Ensino Fundamental II seguem-se dos 11 aos 14 anos, um aluno do 7º ano, supostamente, deveria ter 12 anos completos até o último dia do ano. Nessa turma, no entanto, como disposto acima, de um total de 22 alunos presentes no dia do questionário, 16 deles estavam em situação de repetência, enquanto apenas 6 possuíam idade correspondente à série. Ou seja, cerca de 45,45% dos alunos tinham 13 anos, 9,09% dos alunos tinham 14 anos, 18,18% dos alunos tinham 15 anos. Assim, 72,72% da turma tinham idades completas suficientes para estarem nas séries seguintes, enquanto apenas 27,27% condiziam com a respectiva série.

A seguir serão tratados os momentos de desatenção que trouxeram consigo um alarme relacionado à necessidade de atenção à fatores que podem cair no esquecimento no momento de inserção do graduando em sala de aula.

3. (Des)atenção!

Compreendo enquanto possivelmente necessária a explicação de tal intitulação, ainda que, creio eu, tal compreensão pode vir a surgir de acordo com o processo de leitura do tópico. De qualquer forma, em incomum colocação, explico duas palavras de uma única vez: desatenção e atenção, ao passo que a última, seguida de um ponto de exclamação, trata-se de uma interjeição. Um sentimento de surpresa, desnecessariamente ruim.

Em suma, na convivência com os alunos, enquanto estagiária-colega (período de observação e participação) e estagiária-professora (período de regência), deparei-me com diversas situações que entendo enquanto possíveis ocorrências dada a posição dos sujeitos enquanto alunos, e outros por conta da condição social na qual se envolvem. Assim, houveram momentos em que os alunos, especificamente da turma “B”, criticaram severamente uns aos outros e a mim, além da recorrente abordagem de assuntos de teor sexual em sala. Em um determinado momento, alunas da turma “C” expressaram-se acerca de sua situação familiar e relação com a figura paterna. Um outro aluno, da mesma turma, esporadicamente alertou uma de suas colegas que seu pai havia vendido um item que não lhes pertencia (um *narguilé*, da tal colega) sem dar quaisquer satisfações. O objeto havia apenas sumido. Tal colega, inclusive, ao abordarmos a significação da literatura em sala, evidenciou que, durante sua última mudança, sua avó havia descartado toda a sua coleção de livros do “Diário de um Banana” sem mais, nem

menos. Alguns colegas não podiam levar tarefas para serem realizadas em casa. Por algum motivo, elas jamais voltariam prontas; deviam fazê-las em sala. Houveram palavras que, à certa altura, soaram ameaçadoras e comentários sobre o meu corpo. Passando em frente a coordenação, pude ouvir uma mãe aos prantos expressando seu desejo em optar pela morte. Em um dia incomum, uma aluna havia sido enviada à escola quando preferia estar no velório de seu irmão. Ao fundo de uma das salas, vi alunos encenando, detalhada e orgulhosamente, um enquadro policial. Na primeira aula de produção textual, tive um choque de realidade em relação a condição social dos alunos. E, por último, mas não menos importante: laudos médicos.

Pessoalmente, unindo as memórias ainda vívidas às possivelmente esquecidas, em um mês e meio, houve uma explosão de acontecimentos e sentimentos gerados por eles que me afetaram direta e indiretamente enquanto estagiária e sujeito social. Assim, a seguir serão evidenciadas algumas das situações citadas.

3.1. Condição social dos alunos

Como citado anteriormente, muitos dos alunos que ali estudavam desproviavam-se de condições sociais adequadas, o que, conseqüentemente, traz à tona as condições financeiras dos mesmos.

Durante a primeira aula de produção textual, preparei uma aula na qual os alunos deveriam escrever um poema. Para tanto, levei o poema “Metade”, de Oswald Montenegro, a fim de que os alunos o utilizassem de base, enquanto inspiração, para efetuar as atividades seguintes. Dessa forma, as atividades consistiam em, primeiramente, escrever um poema que evidenciasse suas metades, a partir de qualquer elemento que quisessem inserir no texto e, posteriormente, solicitei que escolhessem duas das metades citadas para representa-las a partir de pinturas e/ou desenhos no material entregue a eles, o qual continha a silhueta de um boneco dividido ao meio.

No momento de realização das atividades na turma “A”, houve um conflito com uma aluna em relação à leitura que eu havia solicitado que a mesma fizesse, e ela recusara. Após resolvido o conflito e tendo outro aluno realizando a leitura, quando já no momento de realização do desenho, a mesma direcionou a mim uma pergunta com entonação sugestiva: “professora, você sabe desenhar uma faca ensanguentada?”. Eu respondi que não, alegando que não seria adequado.

Dentre as inúmeras atividades que retornaram a mim, houveram diversas problemáticas em relação ao seu conteúdo. Ressalta-se que, nesse momento, desconsidere toda e qualquer possibilidade efetuar quaisquer correções gramaticais, levando em conta apenas o conteúdo e o processo de produção dos alunos enquanto quesito de avaliação pessoal, visto que as atividades não valeriam nota parcial para a disciplina dos alunos.

A aluna do desenho da faca ensanguentada realmente o fez (ANEXO B), mas a atividade que mais me chamou a atenção, na verdade, foi a de um outro aluno da turma “B” (ANEXO A). No texto, há uma clara explicitação de sentimentos excessivamente tristes, o que fez com que eu questionasse a professora e a escola a respeito do aluno e recebesse informações acerca das condições financeiras do mesmo e a informação de que ele já fazia acompanhamentos psicológicos.

A seguir será explicitado um momento seguinte de desatenção.

3.2 Laudos médicos

Durante o meu último dia de estágio, aproximei-me da professora para ajudá-la com o controle de notas e vistos dos alunos. Somente naquele momento é que, ao mostrar os cadernos e anotações do ano todo acerca dos alunos das três classes. Nas primeiras páginas, no entanto, deparamo-nos com algo de extrema importância que havia sido esquecido: os laudos médicos dos alunos. E haviam muitos. A maioria dividia-se entre laudos de dislexia, o que explicava a quantidade de alunos – notavelmente maiores do que os outros – sentados na frente, de acordo com o mapa de sala. Dentre as inúmeras folhas coladas, cheias de informações sobre muitos dos alunos, houve um em particular que chamou a minha atenção e, de fato, chamaria a atenção de qualquer um que o lesse. Uma das alunas, de doze anos, que havia faltado naquele dia e em outros anteriores, havia sido diagnosticada com Transtorno Obsessivo Compulsivo de cunho sexual e a mesma também possuía, de acordo com o que estava disposto nos papéis, sinais de comportamentos relacionados a psicopatia. O primeiro diagnóstico, portanto, justificava sua ausência recorrente e, o segundo, por sua vez, um episódio que ocorrera anteriormente, durante a realização da mesma produção textual citada anteriormente.

Nesse sentido, após as desatenções que geraram diversas atenções para experiências seguintes, inserem-se aqui os aprendizados com ênfase na compreensão da distorção idade-série.

4. Aprendizados

Na busca pela compreensão das consequências da condição social atrelada à relação de distorção idade-série, temos que Portella, Bussmann e Oliveira (2017, p. 480) afirmam que

Os motivos para a existência de defasagem idade-série são a reprovação, quando o aluno precisa repetir a série em questão; o abandono escolar, quando o aluno deixa de frequentar a escola por um período; ou, por fim, a matrícula tardia do estudante na escola.

Nesse sentido temos a relação de significação da distorção idade-série. A seguir os autores comentam acerca dos estudos que direcionam os aspectos relevantes às causalidades de tais reprovações/abandonos/matriculas tardias.

É possível dividir os estudos sobre a distorção idade-série no Brasil em dois grandes grupos. O primeiro deles está focado em estudar os efeitos da distorção sobre outras variáveis escolares, como o desempenho dos estudantes, de acordo com as provas de proficiência, a repetência e o abandono escolar. Outro grupo de estudos busca conhecer quais são os determinantes da distorção idade-série. Nesse caso são empregadas funções de produção escolar, levando em consideração variáveis relativas aos alunos, sua família, seu *background* socioeconômico e as condições de infraestrutura da escola. (PORTELLA; BUSSMANN; OLIVEIRA, 2017, p. 481)

Vemos, portanto, a existente relação dada pelas questões da distorção idade-série ligadas ao “plano de fundo” dos alunos da instituição; o que condiz com a situação em questão, uma vez que muitos dos alunos ali presentes – que fazem parte desse grupo de alunos que possuíam idades não condizentes com a expectativa da série – já trabalhavam ou frequentavam cursos externos e profissionalizantes, além, claro, de outras características supracitadas.

A seguir, ainda no âmbito da aprendizagem, abordam-se as considerações finais.

5. Considerações finais

A critério de tratar de uma questão evidentemente necessária, traz-se aqui a afirmação de que não devemos atentarmo-nos somente às questões didáticas e às competências dos alunos

no momento de estudo relacionado à prática de estágio supervisionado e licenciatura em geral, visto que temos uma necessidade externa à tais questões: a de se atentar às questões sociais e suas consequências, bem como às psicológicas.

Claro que, majoritariamente, há a necessidade de nos empenharmos em relação às questões didáticas e competências de aprendizagem, contudo devemos encarar os alunos como sujeitos sociais que têm histórias individuais e que carregam marcas de seus crescimentos.

Nesse sentido, sugere-se não que se evite lecionar em instituições públicas de caráter socialmente desprivilegiadas, mas que se procure dar atenção à determinadas questões pouco discutidas na preparação para a prática em sala de aula.

De modo geral, questionar a necessidade de atenção especial a algum aluno é **essencial** – ainda que essa não se insira em uma situação de vulnerabilidade. A noção, inclusive, de que a relação de distorção idade-série tem como um de seus fatores a situação do aluno no que se refere à sociedade, coopera com a compreensão e a relação a ser desenvolvida com o aluno.

Por fim, a tratar da particularidade da experiência, em relação ao meu crescimento como profissional e sujeito social, essa cooperou para que, a partir de um “choque” inesperado, eu desenvolvesse um olhar ainda mais compreensivo em relação à realidade alheia.

Referências:

CENSO ESCOLAR. Inep, 2020. **Indicador apresenta distorção idade-série para ensino fundamental e médio.** Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/indicador-apresenta-distorcao-idade-serie-para-ensino-fundamental-e-medio/21206>. Acesso em: 11 de jun. de 2021.

PORTELLA, A. L.; BUSSMANN, T. B.; OLIVEIRA, A. M. H. A relação de fatores individuais, familiares e escolares com a distorção idade-série no ensino público brasileiro. **Nova Economia**, v. 27, n. 3, p. 477-509, 2017.

ANEXO A – Atividade realizada por um aluno do 7º ano “B”

Nome: _____

Classe: 7º B Data: 24/10/2019

Reescreva, nas linhas abaixo, uma versão **sua** a respeito do que considera ser suas “metades”. Lembre-se de utilizar as características necessárias para a formação estrutural de um poema. **(Mínimo: 5 versos).**

Que minha vontade de chorar
toda vez que entristeço
se torne uma imensa alegria
porque metade de mim é tristeço
e o outro metade é a vontade de ser
feliz um dia

o que todo vez eu estiver cansado da vida
se torne vontade de viver sem alho para trás
pois metade de mim é vontade de viver
e o outro é insegurança

que todo vez eu que eu pensar em abandonar tudo
se torne vontade de conservar mais com os outros
pois metade de mim é isolamento
e o outro vontade de ser mais social

que um dia horrível no qual eu odei
no dia seguinte seja um dos melhores do minha vida
pois metade de mim é solidão
e o outro é puramente sonho

ANEXO B – Atividade realizada por uma aluna do 7º ano “A”

Nº _____ Série: 7 A Data: 11/10/19



Porque metade de mim é Depressão e a outra metade ódio.